

# KARL LIEBLICH<sup>1</sup>

(Stuttgart, Alemanha, 1895; Stuttgart, Alemanha, 1984)



Karl Lieblich.

Stuttgart, 1920. Fotografia não identificado.

Fonte: Landesarchiv Baden-Württemberg/Staatsarchiv  
Ludwigsburg.

---

1 Pesquisa e texto de Carol Colffield, pesquisadora Arqshoah e bolsista do Projeto Vozes do Holocausto coordenado pela Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes, FFLCH-Universidade de S. Paulo/Arqshoah-Leer-USP, 2017. Tradutora dos textos em alemão, inglês, francês e espanhol aqui citados.

## As origens judaicas e alemãs

Karl Lieblich nasceu em Stuttgart (Alemanha), em 1º de agosto de 1895, em meio a uma família judaica proveniente da Galícia, região localizada entre a Polônia e o Império Russo.

Os pais de Lieblich, Moritz e Anna, estiveram entre os primeiros judeus da Europa Oriental a se estabelecerem em Stuttgart em 1891, embora a população judaica da cidade já fosse na época de aproximadamente 2.700 membros (1,7% da população total). Stuttgart é hoje a capital de Württemberg (desde 1952 Estado de Baden-Württemberg), localizado ao sudoeste da Alemanha. Em 1913, Moritz Lieblich fundou um próspero estabelecimento de importação de ovos, refrigeração e fabricação de gelo, ao qual se referia orgulhosamente como “o primeiro da região de Württemberg”.



Stuttgart, cidade natal de Karl Lieblich.  
Google Maps.

Bem estabelecidos em Stuttgart, os Lieblich continuaram mantendo um estreito contato com sua comunidade de origem na Galícia, visitando-a periodicamente. Karl, na verdade, era o único membro da família a ter nascido na Alemanha. Suas irmãs Dora e Gizella, assim como a mãe, nasceram na cidade de Buczacz, província de Tarnopol. Com as mudanças de fronteiras nas décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, hoje a cidade de

Buczacz está localizada em território ucraniano. Quando Karl era ainda menino, suas irmãs – 13 e 11 anos mais velhas, respectivamente – casaram-se e deixaram Stuttgart: Dora foi para a cidade de Snyatin, – próximo a Kalusz, onde nascera seu pai – e Gizella mudou-se para Ödenburg, no Império Austro-Húngaro. Hoje a cidade Ödenburg se chama Sopron e está localizada na Hungria.

Após o casamento das irmãs, as férias familiares passaram a ser alternadas em visitas a ambas. Tanto a convivência com a comunidade de origem de sua família quanto o impacto do primeiro episódio de antissemitismo vivenciado por Lieblich na adolescência <sup>A</sup> teriam uma importância decisiva na forma como ele, nas décadas seguintes, pensaria o seu judaísmo em particular e o papel dos judeus na sociedade em geral. Naqueles primeiros anos, porém, segundo registrou posteriormente, as férias no Leste Europeu não eram particularmente aprazíveis para Lieblich. Ele não se sentia identificado com o modo de vida daquelas comunidades. Sua identidade, segundo ele mesmo expressava, era inteiramente alemã. Em carta ao filósofo judeu Martin Buber escrita em 24 de janeiro de 1927, Lieblich (apud ANDRESS, 2006, p. 199.) confessava:

A Galícia me imbuiu com uma insuperável aversão a tudo o que era oriental. Agarrei-me firmemente ao meu seio materno alemão, ocultei minha origem, conseguia somente sentir-me e pensar como alemão; ao menos era isso que eu acreditava.

A vida escolar também não era algo que naquela época entusiasmasse particularmente Karl Lieblich. Em 25 de maio de 1917, escrevia a respeito de si mesmo no *Schwäbische*

A- Em um manuscrito intitulado “Die Juden haben immer...” [Os judeus sempre...] Karl Lieblich relata um episódio ocorrido quando tinha 15 anos e passava férias com a família nas proximidades de Neusiedlersee, na Áustria. Lieblich havia se apaixonado por uma mulher da localidade, alguns anos mais velha, chamada Ilona. Um dia ela, em meio a uma conversa, perguntou: “Por que os judeus sempre...?”. Embora o jovem não tenha ouvido como a frase terminava, percebeu o tom que o acompanhou durante décadas (ANDRESS, op. cit., 2015 p. 205). O manuscrito, assim como todo o espólio literário de Karl Lieblich, encontram-se no Deutsches Literaturarchiv, na cidade de Marbach am Neckar, na Alemanha.

*Bilderblatt*: “Desde o início revelei um grande empenho em relação a tudo o que não tivesse a ver com o ginásio [escola]” (LIEBLICH apud ANDRESS, 2006 p. 199). Sua inclinação para as letras, no entanto, já era evidente naquela época, e o que quer que fosse ensinado na instituição onde estudava não parecia ser para Lieblich mais interessante do que os poemas que, nos últimos anos do ensino secundário, havia começado a escrever. De qualquer maneira, concluiu seus estudos no Karl Gymnasium de Stuttgart em 1913, matriculando-se em seguida na Universidade de Estrasburgo

No ano seguinte – 1914 – pouco antes do início da Primeira Guerra Mundial, Karl Lieblich publicou pela editora Xenien de Leipzig sua primeira coletânea de poemas: *Trautelse. Ein Volksbuch mit Liedern und Gedichten* [*Trautelse. Um livro folclórico com canções e poemas*]. Em 23 de julho de 1914, o editor do jornal *Ausburger Zeit*, Dr. Wilhelm Brüstle, grande apreciador de poesia, escreveu-lhe uma carta elogiando a coletânea e dizendo-lhe que em breve um jovem poeta de Ausburg iria escrever uma resenha sobre o livro. O jovem poeta ao qual Brüstle se referia era nada menos que Bertolt Brecht, que ainda estava dando seus primeiros passos na carreira literária. A crítica prometida a Lieblich apareceu em setembro do mesmo ano com o título *Ein Volksbuch. Eine Würdigung* [*Um livro folclórico. Uma apreciação*]. Na verdade, essa resenha sobre o livro de Lieblich foi a primeira que Brecht escreveu em sua carreira. O tom da crítica – muito favorável e cuidadosa em relação ao livro – faz pensar que Brecht buscava, na verdade, agradar ao editor do jornal, já que o próprio Lieblich, anos mais tarde, não veria com bons olhos sua produção da juventude.<sup>A</sup>

A- BRECHT, Bertolt. *Notizbücher*. Edição eletrônica organizada por Martin Kölbl e Peter Villwock, disponível em: <[http://www.suhrkamp.de/download/Sonstiges/Brecht\\_Notizbuecher/Brecht\\_Notizbuecher\\_Zeittafel\\_EE.pdf](http://www.suhrkamp.de/download/Sonstiges/Brecht_Notizbuecher/Brecht_Notizbuecher_Zeittafel_EE.pdf)>, acesso em: 8 jun. 2017; FRIEDRICHS, Michael. Wilhelm Brüstle, Karl Lieblich und Bert Brecht: Dreierlei literarische Bestrebungen 1914-19. *Dreigroschenheft. Informationen zu Bertolt Brecht*. 3/2014, 21. Jahrgang, Sozialdemokratische Partei Deutschlands (SPD), disponível em: <<http://www.dreigroschenheft.de/downloads/3gh2014-3.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2017; ANDRESS, op.cit. 2015

## ***Em nome da pátria e da honra***

Em agosto de 1914, teve início o conflito que envolveria toda Europa em uma era de destruição até então sem precedentes e que hoje conhecemos como Primeira Guerra Mundial. Assim como dezenas de milhares de jovens alemães de origem judaica – aproximadamente 100 mil –, Karl Liebllich interrompeu os estudos universitários iniciados em Strasbourg e alistou-se quase imediatamente – em 21 de outubro de 1914 – para lutar como voluntário pela Alemanha. Seu poema “Tod fürs Vaterland” [“Morte pela pátria”], datado de 22 de janeiro de 1915, revela seu fervor patriótico pelo país onde nasceu:

E chegou a hora do destino,  
Afastar-me-ei orgulhosamente com o olhar para o alto,  
da vida que, não obstante, amei.  
Porque não morri em vão,  
Adquiri glória e honra,  
que é o mais belo que existe (LIEBLICH apud ANDRESS, 2006, p. 200).

Para muitos dos jovens judeus que se dispuseram a lutar pela Alemanha naqueles anos, além do patriotismo, o envolvimento na guerra era uma forma de obter de uma vez por todas reconhecimento por parte da nação onde haviam nascido e crescido, além de uma tentativa de superar os sentimentos antissemitas enraizados em uma grande parcela da população alemã. Acreditavam que o sacrifício serviria como prova do compromisso deles com a Alemanha e que isso resultaria em sua aceitação como verdadeiros cidadãos do país. De certo modo, essa esperança foi alimentada pelo próprio imperador alemão Wilhelm II que, em discurso proferido em 1º de agosto de 1914, logo após a declaração de guerra à Rússia pela Alemanha, convocava a unidade nacional: “Não mais conheço nenhum partido ou confissão de fé; hoje somos todos irmãos alemães e somente irmãos alemães”. (*Frankfurter Rundschau*, 22.07.2004). O entusiasmo entre os judeus era enorme. A própria *Centralverein Deutscher Staatsbürger Jüdischen Glaubens* (Associação Central dos Judeus Alemães de Fé Judaica), que desde 1893 representava a maioria dos judeus alemães liberais assimilados, apoiou o engajamento na guerra.

Um aspecto interessante, no entanto, é que o antissemitismo ainda estava bem presente mesmo dentro das próprias Forças Armadas; como exemplo, o fato de que, no início da guerra, os judeus não podiam tornar-se oficiais. Com o desenrolar do conflito, devido às baixas entre aqueles que estavam no comando, alguns judeus foram promovidos ao cargo embora tivessem permanecido na reserva. No entanto, ao menos nos primórdios da guerra, o antissemitismo ficou encoberto. Com o recrudescimento do conflito, porém, esses sentimentos voltariam à tona e ficariam explícitos após a derrota da Alemanha, quando, na busca por culpados pelo fracasso – na verdade, a busca por bodes expiatórios –, os velhos ódios foram retomados e o antissemitismo voltou a ganhar impulso durante a nova República.<sup>A</sup>

A guerra havia levado Karl Lieblich primeiro para a Rússia (1915) e logo para a França (1916) e Flandres (1916/1917). Durante todo esse período, continuou escrevendo seus poemas, embora somente tenha conseguido publicá-los depois do conflito. Em 24 de agosto de 1918, foi dispensado do Exército por motivos de saúde (MANASSE, 2015, p. 41).

A- Quando o nacional-socialismo chegou ao poder, o governo do *Terceiro Reich* operou ativamente no sentido de apagar a memória dos judeus que morreram na Primeira Guerra Mundial lutando em favor da Alemanha; por outro lado, muitos dos que sobreviveram ao conflito e que inclusive haviam sido condecorados com medalhas de Ordem ao Mérito por sua bravura, foram brutalmente perseguidos pelos homens de Hitler e posteriormente enviados para campos de concentração e extermínio.

## Marcas da guerra

A participação na guerra deixou profundas marcas na sociedade alemã em geral e obviamente em Lieblich que, como testemunha ocular daquele sangrento conflito – até então sem precedentes em termos da magnitude do número de vítimas –, começou a modificar a maneira como via o mundo à sua volta. No poema “Das Würfelspiel” [“O jogo de dados”], escrito em 1916 – dois anos depois do início

da guerra –, Lieblich já não expressava o mesmo júbilo encontrado no poema de 1914, publicado no primeiro número do jornal que ele coeditava com Gustav Seeger, *Die Tribüne. Eine Halbmonatszeitschrift für soziale Verständigung* [*A Tribuna. Uma edição quinzenal para o entendimento social*] (ANDRESS, 2006, p. 201).

Eis um fragmento:

Vocês, povos, deixem os dados  
Não joguem uma e outra vez;  
Somente a morte se beneficia  
E é dela a última palavra:  
Trumtrum!

Finda a guerra, ainda em 1918, Lieblich inscreveu-se na Universidade de Tübingen para iniciar seus estudos de Direito. Paralelamente, começou a trabalhar como repórter de teatro, escrevendo para vários jornais na Alemanha, nos quais também publicava seus poemas. Em 1919, com o amigo e líder político Gustav Seeger,<sup>A</sup> fundou o jornal *Die Tribüne* do qual foi coeditor. O jornal era voltado a questões sociais e, como o próprio nome indicava, promovia discussões que buscassem superar conflitos em um momento em que a derrota na guerra havia deixado profundas cicatrizes na Alemanha. O primeiro número foi dedicado às ideias do filósofo austríaco Rudolf Steiner.

A- Não tivemos acesso aos dados biográficos de Gustav Seeger, mas somente a referências relativas à sua atuação política como líder sindical e político em 1919, em parceria com Klara Zetkin (1853-1933), posicionada à esquerda do Partido Democrático da Alemanha (Sozialdemokratische Partei Deutschlands – SPD), o qual posteriormente abandonou. A referência a Seeger como líder do mesmo grupo político de Zetkin pode ser lida em artigo da edição 3/4 de 1º de agosto de 1919 do periódico *Die Tribüne*. Disponível em: <<http://www.bdn-steiner.ru/cat/Beitrage/D106.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017

## Família, direito e literatura

O ano de 1920 seria particularmente marcante na vida de Karl Lieblich. Ao tempo que concluía seus estudos de Direito

na Universidade de Tübingen, no início desse mesmo ano casou-se com Olga Lieblich, sua prima de primeiro grau, uma alsaciana de origem judaica nascida em 31 de agosto de 1897, em Estrasburgo. Filha de Salomon e Anna Lieblich,<sup>A</sup> Olga, assim como Karl, também estudou na Universidade de Tübingen onde se formou como “professora certificada pelo estado para instituições de ensino superior” (MANASSE, 2015 p. 42). Ainda no mesmo ano, em 6 de dezembro, nascia Ursula, a primeira filha do casal. Anos depois, viriam Eva Kordelia (6 de setembro de 1925), Mirjam Susanne (13 de julho de 1929) e Judith Anselma (24 de agosto de 1935).



Olga Lieblich (1897-1999).  
Stuttgart, 1924. Fotografia  
não identificado.

Fonte: Landesarchiv Baden-  
Württemberg/Staatsarchiv  
Ludwigsburg.

Em 1923, portanto alguns anos depois de concluir a tese e receber o título de doutor em Direito, Lieblich abriu sua própria advocacia e continuou escrevendo artigos culturais para jornais de Stuttgart. Naqueles primeiros anos da década de 1920, no entanto, Lieblich permanecia, de certa forma, afastado do judaísmo, ao contrário de Olga, quem mantinha as tradições na família, além de ser uma convicta sionista,

posição política que mantinha desde os tempos de estudante, quando participava ativamente do movimento Blau-Weiss.<sup>B</sup>

Dividindo seu tempo entre as atividades de advogado e jornalista, além das responsabilidades como pai de família, Lieblich nunca deixou de lado sua vocação literária. Sua atuação no jornal *Die Tribüne* e as ideias propagadas pela publicação,

**A-** Estrasburgo, capital da região da Alsácia, esteve no epicentro das guerras franco-alemãs desde o século XIV, e seu território oscilou inúmeras vezes ao embalo dos resultados dessas guerras. Embora em 1897, quando Olga nasceu, a região estivesse sob domínio alemão, sendo, portanto, sua nacionalidade alemã, podemos observar, por meio de seus documentos de imigração no Brasil, que, em 23 de março de 1942, ela solicitou “a retificação de sua nacionalidade de ‘alemã’ para ‘francesa’”. O pedido, no entanto, foi indeferido. Naquele momento, a Alsácia ainda estava ocupada por Hitler, tendo sido recuperada pela França somente após a guerra. Olga, porém, não desistiu e, em 18 de abril de 1844, ao solicitar a segunda via de sua carteira de identidade, requereu que nela constasse “que Estrasburgo pertence à França e não à Alemanha”. Nesse caso, o pedido foi deferido em 3 de novembro de 1944, já que, segundo pode ser lido no próprio documento, tratava-se de uma questão de “naturalidade e não de nacionalidade”. Registro de estrangeiros. Olga Lieblich. Arquivo Nacional/RJ.

**B-** O movimento Blau-Weiss foi um dos primeiros e mais importantes movimentos sionistas na Alemanha. Fundado em 1912, seu foco inicial era promover novas formas de celebração das festividades judaicas ao ar livre, por meio de caminhadas e fogueiras em torno das quais se reuniam para cantar. O grupo procurava também despertar o interesse pela língua hebraica por meio de canções, assim como pelo folclore em ídiche, combinando-os com um sentimento patriótico pela Alemanha. Após a Primeira Guerra Mundial, quando a possibilidade de se instalar na Palestina começou a parecer real, o movimento passou a incluir atividades educativas em torno de profissões e ofícios que pudessem ser úteis na construção da nova nação. Adaptado de REINHARZ, Jehuda; SHAPIRA, Anita. *Essential Papers on Zionism*. New York: New York University Press, 1996. p. 286.



### *Karl Lieblich*

embora não tenham rendido muitos frutos – já que, por questões financeiras, somente foi possível publicar seis números do periódico –, despertaram o interesse de várias personalidades influentes no mundo das letras na Alemanha, entre elas o respeitado casal de editores Eugen e Lulu Diederichs. Em 1920, Lieblich enviou a editora dos Diederichs dois romances e obteve uma resposta muito positiva. Em correspondência com o autor, Lulu Diederichs expressava ser seu “talento artístico muito valioso” e afirmava que ele poderia “encaixar-se muito bem no marco da editora”. (HEIDLER, 1998, p. 812). Antes de comprometer-se a publicá-lo, no entanto, Lulu pediu a Lieblich que escrevesse outras obras. A cautela devia-se não somente ao fato de Lieblich estar estreando no mundo das letras, mas também à situação econômica da Alemanha, o que impedia, naquele momento, que a editora assumisse de imediato as publicações



Eugen Diederichs (1867-1930).  
Fotógrafo: Alfred Bischoff,  
Jena, 1930. Disponível em:  
<[https://en.wikipedia.org/wiki/  
File:Diederichs,Eugen\\_1867-1930.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/File:Diederichs,Eugen_1867-1930.jpg)>.  
Acesso em: 28 jul. 2017.

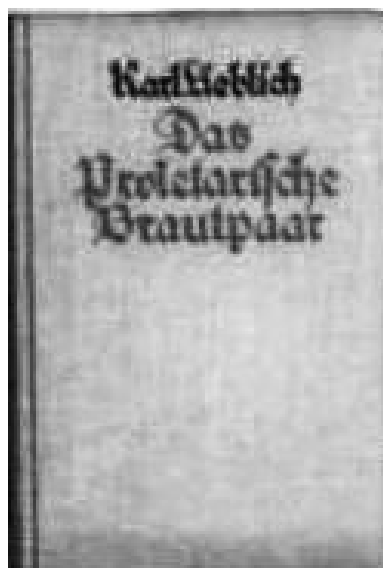


Lulu Diederichs (1873-1956).  
Fotógrafo não identificado, s. d.  
Disponível em: <[http://www.  
literaturland-thuringen.de/personen/  
lulu-von-s Strauss-und-torney/](http://www.literaturland-thuringen.de/personen/lulu-von-s Strauss-und-torney/)>.  
Acesso em: 28 jul. 2017.

Em 1923, Lieblich publicou pela Editora Diederichs seu primeiro livro: *Die Traumfahrer. Zwei Erzählungen* [O condutor de sonhos. Duas histórias]; no ano seguinte viria *Die Welterbraust. Sechs Schilderungen* [O mundo em erupção. Seis descrições]. A respeito deste último livro, Lulu Diederichs (apud HEIDLER, 1998, p. 815) escreveu outra carta a Lieblich em 23 de abril de 1924, na qual demonstrava seu entusiasmo com a obra do jovem autor:

Pode estar certo de que meu esposo [Eugen Diederichs], da sua parte, estará também totalmente comprometido em termos editoriais com o Sr. e acredito que, de ambos lados, iremos desfrutar de uma alegre cooperação porque, de algum modo, tenho a forte sensação de que o Sr. pertence intrínseca e organicamente à nossa editora. Seria ótimo se nos encontrássemos pessoalmente, já que meu esposo está sempre em estreita relação com seus escritores, a qual não é somente comercial, mas pessoal.

Encorajado pela recepção de seu trabalho pelos editores, Lieblich enviou aos Diederichs outro manuscrito que seria publicado em 1926, *Das proletarische Brautpaar. Ein Volkslied in Prosa* [Os noivos proletários. Uma canção popular em prosa], história com profundo conteúdo social ambientada em meio aos conflitos da República de Weimar.



Dois dos títulos de Karl Lieblich publicados pela Editora Diederichs (Jena, Alemanha): *Die Traumfahrer. Zwei Erzählungen* (1923) e *Das proletarische Brautpaar* (1926).

Acervo: Arqshoah-Leer/USP.

## ***O renovado abraço ao judaísmo***

A reação da sociedade alemã à derrota do país na Primeira Guerra Mundial despedaçou as ilusões que os judeus do país haviam alimentado no início do evento quanto à mudança em seu *status* na sociedade. Os 12 mil judeus que perderam a vida durante o conflito e o

compromisso daqueles que retornaram das batalhas não foram suficientes para impedir que se tornassem, mais uma vez, o bode expiatório de todos os males que afligiam a recém-constituída República. Os judeus foram acusados de terem traído a pátria, de terem “apunhalado a Alemanha pelas costas”. Para muitos alemães, somente uma “conspiração judaica” poderia explicar a derrota. Além disso, a vitória da Revolução Bolchevique despertava o medo em vários setores aumentado pela tentativa de tomada do poder de grupos de extrema esquerda – como os espartacistas liderados por Rosa Luxemburgo – que contavam com judeus entre seus membros, fato que contribuía para o crescimento da ideia da ameaça judaico-bolchevique. O fato de que a composição majoritária desses grupos fosse de não judeus não alterava em nada a percepção: o antissemitismo voltava a ser parte integrante dos discursos de líderes políticos e intelectuais alemães ao longo de todo o espectro.

Mas, se, no campo conservador, o temor do comunismo e sua identificação com os judeus eram elementos que motivavam o antissemitismo, com relação à esquerda, o fato de muitos ministros da República de Weimar, assim como alguns ocupantes de altos cargos do governo e empresas – fundamentalmente no setor financeiro – serem judeus alimentava a ideia de que estes “controlavam” o país. Em 22 de junho de 1925, o ministro de Relações Exteriores Walter Rathenau – que era judeu – foi assassinado por dois jovens que afirmavam ser o ministro um dos “Sábios de Sião”.<sup>A</sup>

A complexidade do universo ideológico da era Weimar e a diversidade de conflitos que surgiam a todo momento não permitem estabelecer de forma binária como os atores

A- Foi esse o motivo que um dos cúmplices dos assassinos de Rathenau, Ernst Werner Techow, declarou ter motivado o ato. Os demais envolvidos eram Erwin Kern, Hermann Fischer, Ernst von Salomon e Gerd Techow, irmão de Ernst, de apenas 16 anos. Cf. FRIEDLÄNDER, Saul. *Nazi Germany and the Jews*. New York: Harper Collins Books, 1997. v. 1.

da época, tanto individual quanto coletivamente, liam a sua própria época. Mas é justamente em situações de instabilidade extrema como a da Alemanha do entreguerras que o antissemitismo encontra terreno fértil. Essa situação não foi em absoluto ignorada por Karl Lieblich que começou a repensar o judaísmo e seu lugar nele. Embora nunca tivesse abandonado suas raízes, até o final dos anos 1920 havia estado de certo modo afastado do aspecto religioso de sua identidade. O crescimento a passos largos do antissemitismo na Alemanha o fizera abraçar novamente o judaísmo, e essa busca renovada iria influenciar sua produção literária de maneira definitiva, já que, a partir daí, seus temas passaram a orientar-se intensamente a aspectos relacionados à “questão judaica”.

## O caso Schwartzbard

Em 1927, um evento amplamente divulgado na imprensa internacional da época capturou o intelecto de Lieblich: o julgamento de Scholem Schwartzbard (1886-1938), judeu ucraniano que, no ano anterior, havia assassinado o comandante Simon Petliura (1879-1926), considerado o responsável por uma série de *pogroms* ocorridos em 1919 na Ucrânia e que resultou na morte de dezenas de milhares de judeus em 1919, entre eles toda a família de Schwartzbard.<sup>A</sup>

Esses *pogroms* foram perpetrados por uma série de atores em meio à guerra civil que o país vivenciava: organizações paramilitares nacionalistas ucranianas, camponeses, unidades militares leais ao czar deposto, soldados do Exército Vermelho. Em meio às duras batalhas entre esses grupos, os mais de 1,5

A- A repercussão do caso Schwartzbard foi muito além dos jornais da época, tendo sido tema de análise de pensadores como Hannah Arendt – que em seu livro *Eichmann em Jerusalém* e em outros escritos, remete ao julgamento do judeu ucraniano – e Raphael Lemkin, que desenvolveu o conceito de genocídio.

milhão de judeus tornaram-se bode expiatório e, portanto, alvo de um e outro bando, o que resultou em ataques dos quais não conseguiam escapar. Esses ataques ocorreram, se não sob o comando, ao menos com a complacência de Simon Petliura, jornalista nascido na Ucrânia em 1879, líder de um governo provisório que lutou inicialmente contra a ocupação alemã e posteriormente contra os bolcheviques. Embora no início de seu governo em 1918, Petliura tivesse sido tolerante em relação aos judeus, emitindo leis e éditos em seu favor, não conseguiu – ou não procurou – controlar a ação de seus bandos que definitivamente foram, em sua maior parte, responsáveis pelos ataques. Até hoje a historiografia debate sobre a responsabilidade de Petliura nos *pogroms* ocorridos na Ucrânia, em 1919.<sup>A</sup>

Com seu movimento derrotado em 1919, Petliura partiu inicialmente para a Polônia e, após passar por outras cidades europeias, exilou-se finalmente em Paris, em 1924, onde voltou a trabalhar como jornalista. Porém, em 25 de maio de 1926, às 14h15, quando passava pela esquina da Rue de Racine e pelo Boulevard Saint Michel em Paris, foi abordado por Sholem Schwartzbard que, após confirmar que se tratava daquele que considerava responsável pela morte de sua família, atirou e matou o ex-líder ucraniano. Schwartzbard aguardou a chegada dos policiais aos quais anunciou: “Matei um grande assassino”.

Schwartzbard foi imediatamente levado sob custódia; não somente confessou o crime, como também não demonstrou arrependimento. Seu julgamento, portanto, tinha todos os ingredientes para uma rápida decisão em favor da condenação. No entanto, o chamado *juge d'instruction* (magistrado), responsável

A- Até hoje a historiografia debate sobre responsabilidade de Petliura nos *pogroms* ocorridos na Ucrânia, em 1919. Ver VEIDLINGER, Jeffrey. “A tale of two assassins” *Tablet Magazine*, 24 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.tabletmag.com/jewish-arts-and-culture/books/190304/a-tale-of-two-assassins>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

pela investigação do caso e pela coleta de provas, levou 17 meses antes de conduzir o caso ao tribunal. O fato acabou atraindo a atenção da imprensa que acompanhou passo a passo o julgamento.<sup>A</sup> Eis a descrição do ambiente narrado pela revista americana *Time* em sua edição de 7 de novembro de 1927:

O Tribunal. No escuro tribunal de Assizes, em Paris, durante os últimos 15 dias, mais de 400 espectadores viram o início e o fim de um dos julgamentos mais horripilantes, monstruosos e apaixonados a serem realizados naquele salão de justiça abobadado. Mocinhas trêmulas suspiravam com espanto sentadas ao lado de judeus barbudos de preto e branco que trocavam olhares chocados com ucranianos escravos de rosto achatado sob o nariz de juizes vestidos de vermelho e preto. Dentro e fora do tribunal, havia uma tripla guarda de policiais para evitar desordem (ENGEL, 1927).

Já o acusado era descrito pela mesma revista nos seguintes termos:

O culpado. O homem acusado, que não somente admitiu ter cometido o crime, mas também se vangloriou dele, era um jovem judeu ucraniano, agora um francês naturalizado, Sholem (Samuel) Schwartzbard, um relojoeiro de profissão. Baixo, feio, ele ainda comandou a atenção de todo o tribunal, pois contou sua história, não como muitos prisioneiros, envergonhados e hesitantes, forçados a revelar seus crimes e motivos por advogados inconvenientes – não, o relojoeiro Schwartzbard confessou abertamente, com olhos reluzentes e semblante excitado, e corpo tremendo com paixão, como matou o “general” Simon Petliura para vingar a morte de milhares de judeus em *pogroms*, os quais, acusou, foram instigados pelo “general Petliura” (ENGEL, 1927).

A- ENGEL, David (Ed.). *The Assassination of Symon Petliura and the Trial of Scholem Schwarzbard, 1926-1927. A selection of documents. Archive of Jewish History and Culture*. Göttinger: Vandenhoeck & Ruprecht, 2016. v. 2; *Time Magazine*, 7 nov. 1927, disponível em: <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,731176-2,00.html#ixzz-0gBckOLa7>>. Acesso em: 10 jun. 2017

## *Karl Lieblich*

Surpreendentemente, no dia 26 de outubro de 1927, o júri composto por 12 membros decidiu em favor de Schwartzbard, absolvendo-o do crime. A habilidade de seu advogado de defesa, Henri Torres, e o apoio da imprensa e dos intelectuais, que em grande número se alinharam em favor de Schwartzbard, foram sem dúvida decisivos para o resultado.

Karl Lieblich não foi simplesmente um observador distante desse evento: coube a ele a tradução dos documentos para o comitê de defesa de Schwartzbard, tendo provavelmente estado presente no julgamento em Paris.<sup>A</sup> Dessa experiência e de suas reflexões sobre o caso resultou o romance *Rausch und Finsternis* [Êxtase e trevas] baseado no contexto histórico dos *pogroms* da Ucrânia em 1919, no qual, ao mesmo tempo, o autor revela todo o misticismo da fé judaica. Seu livro, no entanto, não teria uma boa recepção pelos editores Eugen e Lulu Diederichs que recusaram a publicação por tratar-se de um assunto muito específico e que poderia interessar pouco ao público em geral; consideravam que o livro seria mais adequado para uma editora voltada a questões judaicas. *Rausch und Finsternis* foi finalmente publicado postumamente em 2006 pela editora Gardez!, em Remscheid, na Alemanha.

Isso, no entanto, não deteve Lieblich. Entre 1928 e 1931, ele aprofundou ainda mais suas ideias sobre o judaísmo e sobre a posição dos judeus na sociedade; dessas reflexões extraiu propostas que apresentou em uma série de palestras na Associação Berthold Auerbach de Stuttgart e que resultaram na fundação de um grupo “Bund für neues Judentum” (Confederação para um novo judaísmo) e de uma editora, a Zonen Verlag. O primeiro livro de Lieblich publicado em 1931 pela Zonen Verlag foi *Wir*

A- Em carta ao filósofo judeu austríaco Martin Buber (1878-1965), escrita em 24 de janeiro de 1927, Lieblich relata o fato de estar traduzindo um livro sobre os *pogroms* de 1919 na Ucrânia para a equipe de defesa de Schwartzbard e expressa a vontade de ir a Paris para as audiências. Nessa carta, Lieblich também se debate em relação às questões morais derivadas do caso. Um fragmento dessa carta é reproduzido por Andress, 2006, p. 207.

*jungen Juden. Drei Untersuchungen zur jüdischen Frage* [Nós jovens judeus. Três investigações sobre a questão judaica]. Por meio desses espaços de produção intelectual, passou a desenvolver suas ideias de uma independência judaica na Diáspora dentro dos respectivos Estados, defendendo a proposta de pensar os judeus como uma “nação interterritorial”. Essa ideia não foi muito bem recebida por outros pensadores judeus como Martin Buber – com quem Lieblich mantinha correspondência –, nem por pensadores não judeus como Theodor Heuss<sup>A</sup>, que, no artigo “Eine ‘interterritoriale Nation’”, publicado no *Stuttgarter Neues Tagblatt*, em 30 de setembro de 1931, declarava a impossibilidade da ideia de Lieblich, uma vez que “a nação não é uma confissão de sangue, mas uma experiência social, histórica e cultural da comunidade”. Para Heuss, a proposta de Lieblich conduziria os judeus ao isolamento (MANASSE, 2015 p. 184).

A- Theodor Heuss (1884-1963) foi um influente jornalista e político alemão que se tornaria, em 1949, o primeiro presidente da República Federal da Alemanha, cargo que exerceu até 1959.

A “questão judaica”, porém, não estava somente no centro das preocupações de Lieblich e de outros intelectuais judeus e não judeus. Era parte central de um movimento que apenas um ano mais tarde iria mudar os rumos da humanidade, deixando como legado um rastro de destruição sem precedentes. Como observou Hannah Arendt (1979, p. 3) em seu trabalho seminal *As origens do totalitarismo*:

Não há quase nenhum aspecto da história contemporânea mais irritante e mistificador do que o fato de que, entre tantas grandes questões políticas não resolvidas em nosso século [o século XX], tenha sido o aparentemente pequeno e pouco importante problema judaico o que teve a honra de pôr em funcionamento toda uma máquina infernal.



*Karl Lieblich*

Mas foi o que ocorreu. Obviamente, nos meses que antecederam o fim da República de Weimar e a chegada ao poder do nazismo, ninguém imaginava o que a “Solução da Questão Judaica” significava para Hitler e seus colaboradores. E é importante ter isso em mente ao deparar-se com o trabalho publicado por Lieblich – o último antes do exílio –, intitulado *Was geschieht mit den Juden? Öffentlich Frage an Adolf Hitler* [*O que acontece com os judeus? Pergunta pública a Adolf Hitler*] (Zonen Verlag, Stuttgart, 1932). Escrito em forma de carta aberta àquele que pouco tempo depois passaria a ser símbolo do mal absoluto, Lieblich encaminha basicamente um resumo de suas propostas expostas nas palestras proferidas entre 1928 e 1930 e em seu livro anterior (*Wir Jungen Juden*) no qual alertava sobre o perigo para os judeus dos dois grandes movimentos do judaísmo na sociedade alemã – a assimilação e o sionismo. Para tanto, propunha uma solução nos seguintes termos:

Se é verdade que somos um povo – e somos – se é nosso dever desenvolver ainda mais esta faculdade através do filtro de quem sabe quantos séculos – e é nosso dever – então somente há uma forma secular de governo adequada a esta existência altamente excepcional: a interterritorialidade, o direito e o dever de determinar nossa espiritualidade judaica em cada país, de confessar e cultivar abertamente nosso espírito judaico nacional e a atitude de nossa alma. É somente a autonomia cultural, como reza o novo conceito da lei internacional, esta autonomia do povo judeu levada a cabo em afirmação mútua, mantendo sua cidadania, que dará tanto a nós judeus quanto a vocês alemães a nossa verdadeira libertação (LIEBLICH apud MANASSE, 2015, p. 226).



Títulos de Lieblich publicados pela ZonenVerlag em 1931 e 1932, respectivamente.  
Acervo: Arqshoah-Leer/USP.

Obviamente, a hoje aparentemente inocente ideia de Lieblich de dirigir-se a Hitler com uma carta aberta não obteve resposta.<sup>A</sup>

## ***O ponto de não retorno: 1933***

Embora o ambiente dos últimos anos da República de Weimar – em meio à depressão econômica e à crise política que favoreceram o crescimento do Partido Nacional Socialista – já carregasse ingredientes desfavoráveis à liberdade intelectual na Alemanha, a escolha de Hitler como chanceler em 30 de janeiro de 1933 representou uma ruptura inédita em termos de medidas, processo e resultados que muito rapidamente levou milhares de jornalistas, escritores, atores e artistas plásticos a sair do país. A maior e mais relevante parte da cultura alemã foi forçada ao exílio ou optou por ele por causa das condições políticas insustentáveis. As razões foram variadas, mas particularmente complexas para os escritores. Alguns partiram em razão das ameaças diretas, outros por constarem de “listas negras”, outros ainda por medo da repressão. Como observa Jean-Michel Palmier (2017) em seu livro *Weimar in Exile*, nos primeiros dias após a chegada de Hitler ao poder, embora o grupo de intelectuais que deixou a Alemanha incluísse muitos judeus, “não foi como judeus que eles escolheram o exílio ou foram enviados para campos de concentração”. A menos de uma semana de ter assumido o poder – 4 de fevereiro –, o novo governo começou a emitir decretos que restringiam a ação da imprensa, além de outras disposições. A situação se deteriorou ainda mais quando, no dia 27 de fevereiro de 1933, ocorreu o

A- Karl Lieblich não foi o único intelectual a escrever uma carta aberta a Adolf Hitler. Um outro exemplo é o jornalista e pensador alemão Armin T. Wegner que, em 1933, produziu um texto alertando o novo chanceler sobre as perigosas consequências de quaisquer injustiças que fossem cometidas contra os judeus. Em 1919, Wegner também havia escrito uma carta a Woodrow Wilson pedindo solidariedade com o povo armênio. Essa atividade política resultou na prisão de Wegner e no envio a vários campos de concentração. Uma vez liberado, foi forçado a deixar a Alemanha exilando-se na Itália. Em 1968, Armin Wegner recebeu o título de Justo entre as Nações outorgado pelo Memorial Yad Vashem de Jerusalém, em Israel, e posteriormente a Ordem de São Gregório, por sua atuação em favor do povo armênio. GERLACH, Wolfgang. Document: Armin T. Wegner's Letter to German Chancellor Adolf Hitler, Berlin, Easter Monday, April 11, 1933. *Holocaust and Genocide Studies*, v. 8, n. 3, p. 395-409, 1994. Disponível em: <<https://academic.oup.com/hgs/article-abstract/8/3/395/562818/Document-Armin-T-Wegner-s-Letter-to-German>>. Acesso em: 6 ago. 2017.

incêndio do *Reichstag* – o Parlamento alemão – que serviu de pretexto para a suspensão permanente das liberdades civis.<sup>A</sup>

## *A urgência do exílio*

Karl Liebleich não estava em absoluto alheio e muito menos imune a todo esse movimento. Seus livros, porém, não fizeram parte da lista daqueles considerados pelo nazismo como contrários ao “espírito não alemão” e que foram queimados em 10 de maio de 1933; também não foram a princípio proibidos. Segundo Liebleich, isso se deveu provavelmente ao respeito que o regime alimentava em relação aos Diederichs, seus editores. Como judeu, sua atividade como escritor, no entanto, foi inteiramente proibida em 1933, o que incluía os artigos que publicava no periódico *Münchener Neuesten Nachrichten*, para o qual trabalhava na época. Além disso, durante os preparativos para a queima de livros, uma onda de decretos e disposições havia sido posta em prática inicialmente para limitar – posteriormente para proibir – a participação de judeus nas mais diversas atividades. Em um texto escrito provavelmente no Brasil após a guerra, com o pseudônimo Emigro, Liebleich (apud MANASSE, 2015, p. 297) relembra seu primeiro encontro com a *Gestapo*:

Quando eu, numa manhã memorável, ia para o meu escritório situado na rua principal da cidade [Stuttgart] encontrei um jovem de aproximadamente vinte anos de idade com o uniforme marrom da guarda de Hitler, a SA, parado em frente à porta de vidro:

A- Em 28 de fevereiro, dia seguinte ao incêndio, foi promulgado o Decreto do Presidente do *Reich* para Proteção do Povo e do Estado – também conhecido como Decreto do Incêndio do *Reichstag* – por meio do qual proibiram-se as liberdades de expressão e de reunião, e eliminaram-se várias proteções constitucionais. Imediatamente, a circulação de vários jornais foi interrompida e suspendeu-se a maioria das atividades artísticas. Ao mesmo tempo, foi posto em prática um processo para alinhar as artes e a cultura à ideologia nazista. Essa política, denominada *Gleichaltung*, tinha como objetivo “limpar” todas as instituições e organizações culturais de todo elemento “não alemão” e eliminar os trabalhos que fossem hostis às suas ideias ou estranhos ao “espírito não alemão”. Em meio a essas disposições, iniciou-se uma verdadeira caçada aos intelectuais, muitos dos quais foram presos sem nenhuma garantia por seus direitos. Muitos dos que tentavam fugir estavam, em sua grande maioria, despreparados financeiramente, tendo que partir sem dinheiro ou documentos válidos. Os destinos mais procurados inicialmente eram os países vizinhos como a Áustria, França ou Tchecoslováquia.

### *Vozes do Holocausto*

- Aonde o Sr. quer ir? – perguntou, enquanto obstruía a entrada.
- Ao escritório do Dr. E.
- Ele é judeu!
- Certamente, assim como eu –, respondi alegremente, apesar de tudo; ele me surpreendeu e amigavelmente liberou a porta. Eu vi que ele falava consigo mesmo.

[...]

No decorrer da manhã, meus visitantes me disseram que ele não lhes impediu a entrada, mas que os exortou a não visitarem mais advogados judeus no futuro.

Em outro escrito, Karl Liebllich (apud MANASSE, 2015, p. 307) refletia sobre a mudança que deveria enfrentar:

Eu havia me iludido, mais cedo ou mais tarde seria o fim para nós, não para Hitler. A legalidade era a do demônio, o escárnio era o submundo, era pura areia nos olhos dos tolos de dentro e de fora. Minha tática, portanto, tinha que mudar, devia girar o leme a noventa graus. Em vez de, por todos os meios, continuar com aquela existência, e de manter meu escritório e meus imóveis, tinha que renunciar e procurar liquidar tudo da maneira mais conveniente possível. Em vez de agarrar-me com força e destreza ao país em que nasci, e onde somente havia conseguido viver até então, tive que empregar toda arte a desprender-me interna e externamente.

Em 1934 veio a proibição aos judeus do exercício de profissões, entre elas o direito, o que afetou Liebllich diretamente. A necessidade de deixar a Alemanha ficava cada vez mais evidente. No ano seguinte ao “memorável encontro” com o oficial da SA, Liebllich foi convocado pela primeira vez a apresentar-se ao temido endereço da Dorotheenstraße 10, no centro de Stuttgart, onde se localizava o Hotel Silber, quartel geral da *Gestapo* na cidade. Esse local funcionava desde 1928 como sede da polícia e estruturava-se fundamentalmente em dois departamentos: criminal e político. Os detetives e funcionários desses departamentos “formaram” o pessoal da rama local da *Gestapo*, a polícia secreta nazista. Em novembro de 1933, o local tornou-se um temido centro de interrogatório, tortura e aprisionamento, por onde passaram políticos e intelectuais acusados de atividades antinazistas, funcionando como tal até os últimos dias do *Terceiro*

*Reich*.<sup>A</sup> Em suas memórias, Karl Lieblich descreveu as impressões do local:

Sem suspeitar em absoluto quanto às razões da convocação, adentrei o espaçoso *hall* de entrada do antigo hotel do centro da cidade, o qual eu ainda veria muitas outras vezes. Dois jovens em uniformes pretos da SS verificaram calmamente o cartão de convocação e me conduziram por meio de um de seus colegas à frente da porta indicada. O antigo quarto que se abria diante de mim havia sido transformado em um escritório normal. Uma escrivaninha com prateleiras de frente para a janela, estantes nas paredes livres; em algum lugar a inevitável foto de Hitler.<sup>B</sup>

Assim, Lieblich começou a planejar a busca por um lugar no mundo que pudesse significar segurança para ele, para Olga e as quatro filhas. O primeiro destino escolhido daquilo que denominou “viagem de estudos” foi a Colômbia. Olga o acompanhou de Stuttgart até Amsterdã de onde partiu para Cali no dia 25 de abril de 1935. Em seu diário, deixou registrados os primeiros momentos dessa viagem:

Despedir-me de Olga foi difícil. Em tais ocasiões sente-se o que uma década ou mais de um destino em comum significa e suspeita a dor que uma separação eterna um dia (ou em breve) traria. [...] A despedida dói. Quando iremos encontrar-nos novamente? (MANASSE, 2015, p. 307)

No final de julho de 1935, porém, Lieblich retornou à Alemanha. Embora a natureza da Colômbia – que era algo que ele almejava antes de partir – não o tivesse decepcionado, não se sentiu preparado para conviver com ela em seu dia

**A-** No dia 13 de abril de 1945 – portanto poucos dias antes do cerco à cidade por tropas francesas e sua rendição em 22 de abril –, quatro pessoas foram enforcadas nas celas do prédio. Cf. Initiative Lern- und Gedenkort Hotel Silber e.V. Für einen Lern- und Gedenkort in der ehemaligen Gestapozentrale. Disponível em: <[http://hotel-silber.de/?page\\_id=44](http://hotel-silber.de/?page_id=44)>. Acesso em: 6 ago. 2017.

**B-** Fragmento das memórias de Karl Lieblich extraídas de seu manuscrito “Meine Begegnungen mit der Gestapo” publicado no folheto em ocasião do 80º aniversário da queima de livros pelo nacional-socialismo. Cf. 10ter-Mai. Erinnerung: Macht: Zukunft. Eine Aktion für alle, die wegen ihrer Meinung verfolgt werden. Eine andere Welt ist möglich. p. 10. Disponível em: <<https://10ter-mai.die-anstifter.de/wp-content/uploads/2013/02/Zeitung-10ter-Mai.pdf>>. Acesso em: 6 ago. 2017.

a dia. Após sua chegada a Stuttgart, constatou, porém, que a situação dos judeus na Alemanha havia se deteriorado ainda mais. Lieblich continuou então procurando outras possibilidades de emigração; como as propriedades da família foram todas vendidas para enfrentar os gastos das viagens, Olga e as filhas passaram a morar primeiro na casa dos avós das meninas e posteriormente em um apartamento alugado em Stuttgart.

Ainda em setembro de 1935, foram instituídas as chamadas leis de Nuremberg por meio das quais foi revogada a cidadania alemã a todos os judeus e instituída a proibição de casar-se com pessoas “de sangue alemão”. Além disso, as leis definiam quem era judeu, independentemente de como a pessoa considerasse a si mesma.<sup>A</sup> A procura por uma rota de escape passou a ser urgente para todos os judeus que moravam na Alemanha, o que saturou a procura por passaportes, vistos, moeda estrangeira, e fez com que as pessoas liquidassem todo seu patrimônio por pouco de dinheiro na esperança de poder partir. Em Stuttgart, até o final de 1935, dos aproximadamente 4.500 judeus que moravam na cidade, quase 500 haviam conseguido sair.

A escolha seguinte de Lieblich recaiu sobre a Iugoslávia, principalmente por causa do baixo custo de vida. Porém, em outubro de 1935, uma tentativa de passar para o país com sua família, via Áustria, foi frustrada pelas autoridades que confiscaram seus passaportes alegando irregularidades relacionadas ao câmbio de moeda estrangeira. A acusação era de que sua intenção de uso da moeda adquirida era para fins de imigração e não recreativos como havia declarado (MANASSE, 2015 p. 314).

A- Segundo o texto da lei, judeu era aquele com ao menos três avós judeus. Cf. United States Holocaust Memorial Museum. *Holocaust Encyclopedia*. Verbetes: Nuremberg Laws. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/en/article.php?ModuleId=10007695>>. Acesso em: 10.06.2017

## ***A opção pelo Brasil***

Durante o restante de 1935, 1936 e parte de 1937, Lieblich continuou procurando outras possibilidades para sair da Alemanha, tanto em países da Europa – Bélgica, França, Itália, Holanda, Suíça – quanto nos Estados Unidos, onde se encontrava quando partiu pela primeira vez em direção ao Brasil, em fevereiro de 1937, usando um visto de turista. Antes disso, enquanto esteve na Suíça, Lieblich decidiu aprender o ofício de gráfico, já que estava claro que não poderia exercer suas anteriores atividades em nenhum país estrangeiro. Uma vez no Brasil, viu a possibilidade de poder instalar-se no país com sua nova profissão, já que à época eram outorgados alguns vistos para imigrantes com formação técnica e condições financeiras que não tivessem que depender da assistência do governo brasileiro. Lieblich viu então uma possibilidade de converter seu visto de turista em visto de imigrante e trazer sua família. A opção pelo Brasil estava decidida.

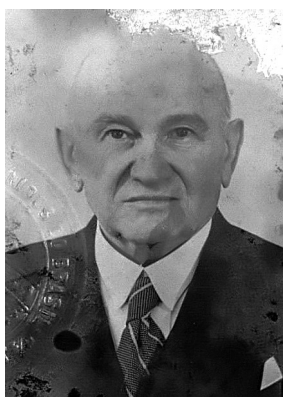
Em novembro de 1937, Lieblich voltou para a Alemanha para providenciar a importação de máquinas para a indústria gráfica que abriria em S. Paulo. Em 15 de dezembro de 1937, zarpu de Gênova de volta ao Brasil no navio italiano Augustus. A sua etapa da travessia estava concluída, mas ainda restava trazer Olga e as três filhas mais novas, já que a mais velha, Ursula, havia emigrado para a Suíça, onde, em agosto de 1938, aos 17 anos, casou-se com Hans Schneeberger, cidadão daquele país (MANASSE, 2015, p. 314, 321).

Para trazer sua família, no entanto, o governo brasileiro exigia um documento denominado “carta de chamada” e uma declaração juramentada que garantisse que o residente no Brasil poderia sustentar financeiramente aqueles que estava “chamando”. Uma vez de posse de ambos os documentos, Olga tentou obter o visto por meio do consulado do Brasil em Hamburgo, mas foi negado. Com a ajuda do cunhado, Max Lazare, líder da comunidade judaica na Alsácia, conseguiu contatos que a conduziram ao embaixador do Brasil na França, Luiz Martins de Souza Dantas, que proporcionou os vistos necessários. Depois de uma travessia difícil, finalmente Olga e as três filhas mais novas dos Lieblich chegaram ao porto de Santos em 12 de julho de 1938, no vapor Almanzora.

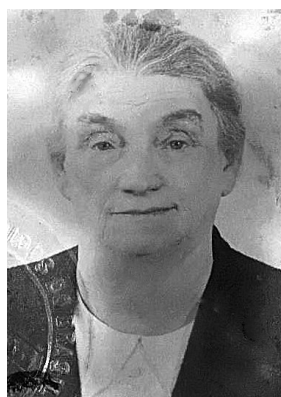
## ***O recomeço no Brasil***

A nova vida de Karl Lieblich e a família no Brasil podia finalmente recomeçar. Com a chegada das máquinas de impressão que havia mandado importar da Europa, ele poderia dar início à sua atividade econômica. Porém, às dificuldades de adaptação ao meio, principalmente no que diz respeito às barreiras da língua – que Lieblich nunca conseguiu superar completamente – somava-se o dilema em relação aos membros da família que ainda permaneciam na Europa. A chegada de Olga, Eva, Mirjam e Judith não significava o fim das preocupações para Karl: embora a filha Ursula estivesse a salvo na Suíça, para seus pais, Moritz e Anna, suas irmãs e as respectivas famílias o risco era cada vez maior.

No caso de seus pais, a urgência devia-se ao fato de que, em 28 de outubro de 1938, começaram em Stuttgart as primeiras deportações para a Polônia de judeus residentes na cidade que fossem nascidos no Leste Europeu. Sendo Moritz e Anna da Galícia, o perigo era iminente. Além disso, após o *pogrom* de 9 de novembro de 1938 que ficou conhecido como *Kristallnacht*, assim como ocorreu no resto da Alemanha, a situação para a população judaica havia ficado definitivamente inviável. Já para sua irmã Dora, que morava na Galícia, e Gizella, que morava na Hungria, o início da guerra em 1939 e o avanço do Exército alemão e dos *Einsatzgruppen*, principalmente após a ocupação da União Soviética em 1941, colocavam-nas diretamente sob o raio de ação do nazismo.



Moritz Lieblich  
(1862-1941).  
Acervo: Arquivo  
Nacional/RJ; Arqshoah-  
Leer/USP.



Anna [Boral] Lieblich  
(1863-1944).  
Acervo: Arquivo  
Nacional/RJ; Arqshoah-  
Leer/USP.



## *Karl Lieblich*

Em dezembro de 1939, Karl Lieblich conseguiu que os pais finalmente obtivessem um visto de entrada, o qual foi emitido pelo consulado do Brasil em Frankfurt. Em 24 de março de 1940, Moritz e Anna chegaram ao porto de Santos no navio Neptunia. No entanto, faleceram não muito tempo depois da chegada a S. Paulo: ele em 1941, ela em 1944.

### De intelectual em Stuttgart a empresário paulista

Com as máquinas que importou de Leipzig e Stuttgart, Lieblich montou finalmente sua gráfica em S. Paulo. Em termos técnicos, havia se preparado por meio dos estudos que realizou na Suíça. Também contou com pessoas ativas no meio, como Carlos Flues, também alemão, filho e sócio de Oscar Flues, proprietário da maior empresa de importação e fabricação de equipamentos gráficos no Brasil, a Oscar Flues & Cia, localizada em S. Paulo.<sup>A</sup>

A gráfica, no entanto, não resultou do modo esperado. No entanto, graças aos contatos que fez durante os anos iniciais de formação da empresa, Lieblich, em 1944, alterou o foco de seu negócio: dedicou-se à importação e representação de equipamentos gráficos fundando a Agrada Ltda. (Arte Gráfica Distribuidora), cuja sede estava localizada na Rua Bela Cintra, 512, em S. Paulo: “(...) pequena no início, venceu pelo árduo trabalho de seu dono, sua dedicação e seriedade conhecida. Dentro em pouco, a firma atraiu a atenção de grandes empresas americanas, inglesas, francesas e, finalmente, além que a ela entregaram suas representações para o Brasil”. (Boletim da Indústria Gráfica, 1953, p.

A- Segundo Fernando Morais (1994), no livro *Chatô: o rei do Brasil*, Oscar Flues, que havia emigrado da Alemanha para o Brasil em 1911, tinha, em seu cadastro de clientes, todos os grandes jornais e revistas brasileiros, aos quais fornecia máquinas e equipamentos.

19). Com o tempo, a Agrada se tornaria uma das maiores fornecedoras do mercado. Em novembro de 1945, ano seguinte ao início da nova atividade de Karl, a filha mais velha, Ursula, que morava na Suíça e estava divorciada desde 1940, chegou também ao Brasil.



Ursula Lieblich, 1945.

Fotógrafo não  
identificado.

Acervo: Arquivo  
Nacional/RJ; Arqshoah-  
Leer/USP.

Embora, em S. Paulo, Lieblich exercesse atividades diferentes das que desempenhava em Stuttgart, mantinha uma rotina de certa forma parecida à da Alemanha: reservado, gostava de jogar xadrez com algum amigo ou às vezes consigo mesmo (ANDRESS, 2006, p. 218); quanto à literatura, continuou escrevendo alguns poemas e novelas que, no entanto, não foram publicados.<sup>A</sup> As questões relacionadas ao judaísmo e ao destino de seu povo, porém, nunca deixaram de fazer parte das preocupações do casal Lieblich, que se materializou no Brasil por meio do envolvimento de ambos em instituições como a Sociedade Israelita Paulista, criada na década de 1930, cuja finalidade inicialmente era auxiliar

A- KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura: escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. S. Paulo: Edusp, 2003. Entre os poucos títulos que Lieblich escreveu no Brasil, estão: *30 contos. Eine Geschichte aus Brasilien* [30 contos. *Uma história do Brasil*], *Mulattenhochzeit* [Casamento do mulato], *Denkmal des Brasilianers Antonio Coutinho, des Nichtbettlers* [Monumento ao brasileiro Antonio Coutinho, o não mendigo] e *Venetta* (ANDRESS, op. cit., 2015, p. 218). Como podemos observar pelos títulos, os temas abordados incorporavam suas experiências brasileiras. Em alguns desses escritos, Lieblich adotou o pseudônimo de Ark Schillbeil.

## *Karl Lieblich*

os judeus refugiados do nazismo que chegavam a S. Paulo. Em sua chegada ao Brasil, Olga também esteve vinculada a diversas atividades sociais e políticas: fez parte corpo de voluntários pela “França Livre” e mais tarde participou ativamente da seção brasileira da Organização Sionista Internacional das Mulheres (Women’s International Zionist Organization – Wizo) (ANDRESS, 2006, p. 218).



Karl [Carlos] Lieblich no *Boletim da Indústria Gráfica* (composição). Em sentido horário: fragmento de entrevista publicada em janeiro de 1953, ano 4, n. 45; o logotipo das empresas Dr. Carl Lieblich & Cia.; endereço da empresa: anúncio publicado em março de 1955, ano 6, n. 62. Fonte: Boletim da Indústria Gráfica. Disponíveis em <https://issuu.com/abigraf/docs> Acesso em: 18 ago. 2017.

## *Após a guerra, o reencontro com a Europa*

Em 1945, enquanto o mundo comemorava a derrota do nazismo, para os judeus nos mais diversos pontos dentro e fora da Europa, o momento era, porém, da mais profunda gravidade: grande parte dos sobreviventes dos campos de concentração ainda tinha pela frente meses ou anos em campos de deslocados; tanto para eles quanto para os exilados, começava a busca por familiares ou ao menos por informações que conduzissem ao destino daqueles que não haviam conseguido fugir das perseguições.

A primeira das inúmeras viagens que Lieblich realizou à Europa depois da guerra ocorreu em 1948. Lá, Lieblich encontraria um continente, um país e uma cidade que não eram em absoluto os mesmos de seus anos pré-exílio. A comunidade judaica havia sido praticamente dizimada. Na sua Stuttgart natal, dos aproximadamente 4.500 judeus que habitavam a cidade antes da chegada ao poder do nacional-socialismo, restavam somente 24, a maioria dos quais haviam conseguido sobreviver por terem cônjuges “arianos”. Em termos familiares,

as notícias eram também trágicas: as irmãs de Liebllich, Dora e Gizella, foram assassinadas no Holocausto. A partir daí a tarefa era tentar ao menos reaver o patrimônio familiar que havia sido confiscado pelos nazistas, parte do qual conseguiu recuperar após um longo e burocrático processo que se estendeu até meados da década de 1950.<sup>A</sup>

Entre os bens que conseguiu retomar estava a empresa de refrigeração que seu pai havia fundado em Stuttgart, a qual Karl modernizou e continuou operando por alguns anos, dividindo seu tempo entre a Arte Gráfica Distribuidora Dr. Carlos Liebllich & Cia., em S. Paulo, e a “Kühlhallen und Eisfabrik Dr. Karl Liebllich & Co KG”,<sup>B</sup> em Stuttgart. Mas, apesar de tudo, Liebllich sempre sentiu falta da Alemanha e, em 1958, decidiu mudar-se definitivamente para seu país natal, e Olga passou a dividir seu tempo entre Stuttgart e S. Paulo, onde suas filhas permaneceram.

O reencontro com Europa também não significou para Karl Liebllich um reencontro com a literatura tal como a havia exercido antes do exílio. No final dos anos 1950, escreveu *Das Auge sieht die Himmel offen* [O olho vê o céu aberto], que ofereceu para vários editores – inclusive sua antiga casa, a Eugen Diederichs Verlag –, mas sem êxito. Conseguiu, porém, publicar algumas histórias curtas feitas no exílio, assim como poemas em jornais alemães sob os pseudônimos Ark Schillbeil – que já havia utilizado em alguns escritos que produziu no Brasil – e Alexander Borowsky (MANASSE, 2015, p. 325). Além disso, manteve-se vinculado às questões filosóficas relacionadas ao judaísmo que, desde o final da década de 1920, o inquietavam, retomando alguns dos pontos que havia tratado em *Wir jungen Juden* e *Was geschieht*

**A-** Segundo os dados que constam em documentos do Memorial Yad Vashem ([www.yadvashem.org](http://www.yadvashem.org)) preenchidos de próprio punho por Karl Liebllich, Dora [Liebllich] Goldstaub provavelmente foi morta em 1942, na própria cidade em que vivia; Kalusz, na Galícia; e Gizella [Liebllich] Rares provavelmente em 1944, também na cidade onde residia, Sopron, na Hungria. O destino dos quatro filhos de Dora, dos dois filhos de Gizella e de seus respectivos esposos não pôde ser determinado nesta pesquisa. Os documentos relativos a esse processo de reparação patrimonial encontram-se no Landesarchiv Baden-Württemberg/Staatsarchiv Ludwigsburg, na Alemanha.

**B-** Segundo os registros sobre a Kühlhallen und Eisfabrik Dr. Karl Liebllich & Co KG existentes no Landesarchiv Baden-Württemberg/Amtsgericht Stuttgart: Handelsregister, onde são mantidas informações sobre atividades empresariais, a empresa esteve em funcionamento entre 1950 e 1972.

## *Karl Lieblich*

*mit den Juden?*. Em 1964, publicou *Die Geheimnisse des Maimonides* [Os mistérios de Maimônides] sobre o pensamento do importante filósofo judeu da Idade Média.<sup>A</sup>

Karl Lieblich continuou ativo até o final de sua vida proferindo palestras, escrevendo ou até mesmo atuando em pequenos papéis no teatro em Stuttgart. Em 1º de março de 1984, Lieblich faleceu aos 88 anos de idade de embolia pulmonar em sua cidade natal. Olga viveria até os 102 anos de idade, vindo a falecer em 1999. A veia artística de Karl, no entanto, seria mantida através de suas filhas que desenvolveram carreiras nas letras, nas artes plásticas e no teatro: Eva Fernandes-Lieblich seguiu uma fecunda carreira nas artes plásticas; Judith Patarra-Lieblich dedicou-se ao jornalismo, à política e, como seu pai, também às letras.

A- Moisés ben Maimon, conhecido como Maimônides foi um dos mais influentes filósofos judeus da Idade Média. Era também médico, talmudista e uma das mais importantes figuras nos estudos da Torá. Nasceu em Córdoba, na Espanha, em 1135 e faleceu em Fustat, no Egito, em 1204.



Karl Lieblich (1895-1984).  
Stuttgart, 1924. Fotografia não  
identificado.  
Fonte: Landesarchiv Baden-  
Württemberg/Staatsarchiv  
Ludwigsburg.